CÂMARA MUNICIPAL DE GARÇA

CÂMARA MUNICIPAL DE GARÇA
2ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA, DE CARÁTER SOLENE, REALIZADA EM 07 DE MARÇO DE 2007
PRESIDENTE: PEDRO HENRIQUE SCARTEZINI

Aos sete dias do mês de março de dois mil e sete, no Plenário da Câmara Municipal de Garça, com início às vinte horas, sob a presidência do vereador Pedro Henrique Scartezini, Presidente, realizou-se a 2ª Sessão Extraordinária de Caráter Solene de dois mil e sete, para a apresentação da Campanha da Fraternidade de dois mil e sete, em Garça. Ao início da Sessão, o Sr. Presidente convidou os senhores vereadores a tomarem assento em suas respectivas bancadas, estando presentes os seguintes vereadores: José Maria Piola, Massao Ogawa, Pedro Henrique Scartezini, Sebastião Toldato Galego, Valdemar Zimiani e Wilson Alves, totalizando seis vereadores presentes. Convidou para comporem à Mesa as seguintes autoridades: Sr. Diogo Sebastião de Oliveira, Secretário Municipal da Indústria, Comércio e Turismo, representando o Prefeito Municipal; Pe. Milton Afonso do Nascimento, Coordenador da Campanha da Fraternidade de 2007; Sr. Francisco Assis de Souza, Vice-Presidente do Rotary Club de Garça Real; Dr. Caio Celso Nogueira de Almeida, representando o Rotary Club de Garça; Dr. Gilberto Garcia, representando as Lojas Maçônicas Integração e Justiça e Gal. Moreira Guimarães IV; e Sr. Ramon Moreno Neto, Presidente do Conseb´s Araceli. O Sr. Presidente declarou que as demais autoridades presentes ao ato se considerassem como parte integrante da Mesa. Na seqüência, convidou as autoridades presentes e o público em geral para, de pé, ouvirem a execução do Hino Nacional. Dando seqüência ao ato, foi feita a saudação oficial da Mesa pelo Sr. Presidente, comunicando que a presente Sessão Extraordinária de Caráter Solene convocada especialmente para este dia, tinha por finalidade apresentar a Campanha da Fraternidade de dois mil e sete, realizada anualmente pela Igreja Católica por ocasião do período quaresmal, quando procura conscientizar a população brasileira sobre problemas de relevância, como o tema abordado neste ano referente à preservação da Amazônia e de nossos recursos naturais. Convidou o Pe. Milton Afonso do Nascimento, vigário da Matriz de São Pedro, e representante do Bispo Diocesano Dom Oswaldo Giuntini a fazer uso da palavra: PE. MILTON AFONSO DO NASCIMENTO: *"[Saudações]... A igreja do Brasil todos os anos tem essa missão com a Campanha da Fraternidade de estar tratando de problemas sociais. A igreja não é somente na sua parte espiritual, mas também, a igreja preocupa-se com muitos problemas que estão a nossa volta, na nossa sociedade. E este ano a igreja, então, quis olhar para a Amazônia, esse grande problema que está a nossa volta. Então, é o desejo da igreja que, todos os cristãos de todo o nosso Brasil se empenhe e também se sensibilizem com essa grande problemática que é a Amazônia hoje no nosso Brasil. Então, eu deixo aqui também a minha saudação em nome do Pe. Marcos, do Pe. Wagner, da nossa Paróquia São Pedro e de Dom Oswaldo Giuntini que não pôde estar aqui, mas que a gente está o representando aqui. Então, que todos nós possamos neste tempo voltarmos o nosso coração, abrirmos o nosso coração e nos sensibilizar-mos com essa grande problemática que é a Amazônia. Como logo o que vai expor esse tema, que nos falará, que a Amazônia é o pulmão do mundo, então é a vida. o que acontece lá , acontece conosco aqui também, nós sentimos aqui. Então a igreja, está por assim dizer nesse empenho de estar também levando todos a darem a sua parcela de contribuição. Então nesse gesto, a igreja está aberta a essas questões sociais que cabem a nós também. Nesse momento, então em nome do Sr. Bispo eu vou entregar ao Sr. Presidente esse texto base para estar nesta Casa de Lei. Muito obrigado."* O Sr. Presidente concedeu a palavra ao Sr. APARECIDO PEREIRA DA SILVA, integrante da Comissão da Campanha da Fraternidade de dois mil e sete, da Paróquia de São Pedro, para apresentar uma explicação sobre o cartaz da Campanha: *"[Saudações]... Como ocorrem todos os anos, assim que é lançado o tema da Campanha, a CNBB ela procura um rosto para o tema e para o lema escolhido e deste modo, em dois mil e sete, ela escolheu falar da problemática que envolve a região amazônica do nosso país. Para isto, ela pediu para que um grupo de estudantes de marketing da PUC de Campinas, elaborasse uma imagem que fosse o rosto da Campanha da Fraternidade em dois mil e sete. Então, este trabalho que nós estamos vendo no telão é fruto, resultado da ação de alguns estudantes de marketing da PUC de Campinas. Logo no rodapé do cartaz a gente tem ali então a Campanha da Fraternidade de dois mil e sete 'Fraternidade e Amazônia', que é o tema, e no alto do cartaz nós temos 'Vida e Missão Neste Chão' que é o lema que foi escolhido pelos organizadores da Campanha este ano. Na parte de cima do cartaz nós vemos ali um chão rachado que poderia ser muito bem o chão da região nordeste do país, onde a gente está acostumado com essa imagem, mas não é. Segundo os meninos que desenharam e montaram o cartaz, este chão é de um rio da Amazônia de uma seca recente que aconteceu nos*

últimos anos por influência da ação do homem naquela região e a natureza respondendo a essa ação, nós já tivemos num passado recente essa situação lá na Amazônia. Então para chamar atenção de que se nós não contribuirmos e não fizermos a nossa parte, a Amazônia corre o risco de virar um grande cerrado, acabar com tudo aquilo. Então esta é a primeira imagem no alto do cartaz, segundo os meninos eles quiseram passar esta mensagem para nós. Logo abaixo a gente tem a água que ainda felizmente é a grande riqueza concentradora lá na Amazônia, felizmente ainda é o berço, uma riqueza de água naquela região incalculável, mas que se nós não tomarmos consciência da importância dessa água e continuarmos agindo como está se agindo naquela região nós corremos sérios riscos de perder essa fortaleza, essa riqueza aí que Deus nos deu gratuitamente. Depois nós temos ali compondo o cartaz uma flor que é a Vitória-Régia e ali poderia estar outras flores símbolos da Amazônia, mas eles escolheram a Vitória-Régia e aí vem um detalhe interessante, porque embora ela pareça uma flor frágil, na verdade ela não é. A Vitória-Régia ela tem as suas raízes muito longas e elas tão longas que elas alcançam o leito do rio lá embaixo que é de onde elas sugam todos os nutrientes para se mostrar viçosa e bonita na superfície do rio. Então escolheram a Vitória-Régia justamente para mostrar essa força do povo amazônico daquela região que é tão agredida, violentada, mas está resistindo fortemente. Nessa Vitória-Régia maior, que está no centro do cartaz, a gente observa o rosto de um indiozinho e ele não está ali de graça, ele está ali colocado representando todos os povos da Amazônia. A população ribeirinha, os índios, os colonos, os missionários, enfim, todas as pessoas que co-habitam com a natureza naquela região. E quando se fala em Amazônia se pensa muito nessa questão da biodiversidade em proteger tudo isso, mas nós temos que lembrar também que lá nós temos seres humanos, e é isso que essa indiazinha está representando, que tão importante quanto conservar toda biodiversidade que a Amazônia apresenta, não devemos jamais esquecer que lá tem gente, tem seres humanos, tem pessoas e não são quaisquer pessoas, são pessoas que têm os seus hábitos, a sua cultura própria, seu jeito de viver, o respeito pela natureza. E é inadmissível que nós chegamos lá e queremos mudar e interferir diretamente na vida dessas pessoas. Nós não queremos retirar essas pessoas e mudar, ou não devemos querer isso, mudar os hábitos dessas pessoas, nós precisamos aceitar e respeitar o modo de vidas delas. Então, é isso que eles quiseram mostrar no cartaz quando escolheram essa indiazinha para compor também o cartaz. Depois, finalizando, eles quiseram também dar um ar espiritual da criação no cartaz. E de que forma eles colocaram isso? Eles escolheram aquelas três flores brancas de miolos amarelos, que estão ali do lado, e com isso eles quiseram dar o seguinte recado: aquelas três flores representam a Santíssima Trindade, Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, criador de toda essa riqueza, de toda essa maravilha, que Deus criou, e colocou gratuitamente nas nossas mãos para que nós usufruíssemos dela, cuidássemos dela e co-habitássemos da melhor forma possível com essa natureza. E aí a gente tem hoje, infelizmente, as imagens, as notícias de que o homem não está correspondendo muito com o desejo de Deus. Então, eram estas as explicações que nós queríamos dar em torno do cartaz da Campanha da Fraternidade, que às vezes a gente passa por aí, essa é uma imagem que a CNBB está usando em nível nacional, com vinculações de filmes na TV, nas redes católicas, nas redes comerciais, nas nossas igrejas, enfim, essa é uma imagem que proliferou por todo o território nacional, de modo que, eu acho pertinente que nós façamos essas explicações que às vezes as pessoas olham o cartaz, a imagem e nem sempre tiram todas as informações que ali estão contidas. Era isso, muito obrigado pela atenção de todos." Dando continuidade ao ato, o Sr. Presidente concedeu à palavra, para fazer uma explanação sobre o tema da Campanha da Fraternidade de dois mil e sete, ao DR. CARLOS AUGUSTO OLIVEIRA FERNANDES: *"[Saudações]... A CNBB nos invoca, num primeiro momento, a conhecer essa Amazônia, que eu confesso, que não conhecia. A Amazônia não é o Estado do Amazonas, tão somente, e a primeira impressão que nós temos é que se trata daquele estado lá em cima, nós pensamos no mapa do Brasil, e lá em cima tudo verdinho, como se fosse somente aquele bioma a riqueza de todo esse complexo biológico. A Amazônia ela engloba dez estados, o próprio Amazonas, o Acre, Roraima, Amapá, Pará, Maranhão, Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Rondônia. Então, a Amazônia que nós estamos falando aqui hoje, representa sessenta por cento do território brasileiro, ou seja, nós estamos falando da mais da metade do Brasil. Então não é, num primeiro momento, de algo distante, algo que nos remete a apenas mata, mas, é um bioma, uma biodiversidade que representa mais da metade do nosso país. A partir daí nós começamos a entender esse complexo e essa riqueza amazônica. O que é bioma? Eu disse que a Amazônia é um bioma. Um bioma é um berço de vida, tudo que respira, anda, voa, está vivo dentro de um ambiente, é o bioma daquele ambiente. No Brasil nós temos cinco biomas: a Amazônia, o Pantanal, a Caatinga, mais ao nordeste do Brasil, o Cerrado, os Pampas e a nossa mata Atlântica. Então, o nosso bioma aqui, apesar de*

CÂMARA MUNICIPAL DE GARÇA

diferente, é tão rico quanto o bioma Amazônico. E para que vocês tenham uma idéia do que é de importância que se dá ao bioma dentro do complexo ecológico, porque que na nossa região, por exemplo, não tem pé de oliveira, que dá azeitonas, porque não tem castanheiras, nós não temos boto. Porque não faz parte do nosso bioma, não faz parte desse complexo de vida da nossa região. E quando nós começamos a pensar em bioma, em berço de vida, nós começamos a entender uma coisa muito importante: não se consegue refazer, digamos assim, uma floresta, uma mata, é o famoso, não se mexe com o que está quieto, porque? Quando o bioma engloba uma série de animais, árvores, todo esse complexo de seres vivos, quando você mexe naquilo, quando você retira alguma coisa dali, nunca mais você consegue repor da forma original. Mexe numa nascente, por exemplo, e vê se ela continua fluindo água, se alguém aqui tem ou já participou aí de algum projeto em cima de nascentes, sabe muito bem disso, ou seja, não se toca naquilo, aquilo porque? Porque A natureza, o próprio Deus Criador, colocou daquela forma por alguma razão que não nos é dado a entender, não deve ser mexido. Quando você vai até São Paulo, você vê ali na Marechal Rondon uma extensão muito grande de árvores plantadas de Eucalipto, e aí você diz: 'Puxa que maravilha, estão replantando a nossa natureza'. O Eucalipto destrói a natureza de uma forma brutal, porque o Eucalipto não é uma árvore do nosso bioma, aqui da Mata Atlântica, estou dando um exemplo. O Eucalipto destrói a natureza, ele é australiano, ele suga em demasia as águas dos rios, o subsolo. Então aquilo que nós vemos não é um projeto ecológico, nesse sentido. Projeto ecológico é não mexer no que nós temos e a Campanha exorta muito a isto, a conhecer a Amazônia e denunciar o que está acontecendo lá. Olhando a Internet, um pouco antes de vir para cá, eu soube que, dados agora, de novembro de dois mil e seis, dão conta de que, ali na região Amazônica, foram desmatados 464 Km^2 de mata, que não retornam. Para os desenvolvimentistas que ' Não, mas aí depois você replanta', você não consegue mais restaurar este bioma. Por isso que é importante entender e repassar isto, principalmente para as crianças, essa necessidade de não mexer naquilo que a gente ainda pode deixar quieto. E esse complexo amazônico, para que vocês possam ter uma base, e eu acredito que daqui a trinta anos não se brigará mais por petróleo, mas sim por água doce, que não tenha dúvida que a água acaba e isto nós já estamos sentindo, basta ter uma seca aí o nosso SAAE já começa a dizer 'Olha, não lave a calçada'. Há quinze anos atrás, vinte anos atrás, você podia lavar uma calçada e ninguém chegava para você e dizia 'Olha, não faça isso, está errado'. Era natural, era barato, era fluente, hoje não. Eu conversava agora a pouco sobre madeiras, você já percebe hoje, faça uma construção, você já vê o custo de uma madeira, você já vê a dificuldade para se conseguir boas madeiras, o Eucalipto talvez esteja tentando aí, mas madeira de lei não se há. A natureza ela é melindrosa, mexeu, você não consegue retomar ao estado anterior. Até o texto base diz bem e é uma analogia que eu achei muito bonita, que a nossa Floresta Amazônica ela é um jardim dado por Deus e como o jardim foi dado a nós o dever de cuidar disso. E é bem isso que vocês encontram nesse texto. Um texto riquíssimo de dados, dados que saíram do próprio IBGE, foram colhidos por órgãos dentro da própria CNBB e que são objetos de estudo de universidades. Várias universidades solicitaram à CNBB uma cópia do texto base, dado a riqueza de dados contidos ali. E essa, evidentemente, riqueza amazônica, como eu já disse a água, está ali, vinte por cento da água doce disponível no mundo. Eu desconto as geleiras, mas de água doce, vinte por cento está aqui com a gente, dentro da Amazônia legal, a Amazônia Brasileira, este estudo foi dentro da Amazônia Brasileira. A Amazônia que engloba outros países da América Latina não foi incluído nesse estudo, vinte por cento. Ali dentro há mil e cem rios, de forma que se você fizer uma amostragem desses rios como uma veia de um corpo humano de alguma forma o rio amazônico vem desaguar aqui para a gente. Acho que passará daqui a pouco um vídeo, rapidinho de quinze minutos, e eu exorto vocês a prestar muita atenção nesse vídeo, que demonstra realmente essa corrente sangüínea, digamos assim, de água. Então nós temos, muito sim, haver com a Amazônia, com haver com essa questão Amazônica. Eu assisti o Fantástico, domingo agora, e era até uma questão que eu disse 'Puxa será que a floresta conseguiria reverter o famoso efeito estufa', hoje se fala muito nisso e não tenha dúvida esse calor que passamos hoje já é, de alguma forma, uma conseqüência disso, não se iludam não, é. E eu vi no Fantástico uma explicação, achei até interessante e não pude gravar. Mas dizendo realmente que, a árvore tem lá os elementos que, houve tudo uma explicação, de se conseguir conter ou diminuir esse efeito sobre nós. Então, mais do que nunca, todo esse complexo, metade desse país nosso aqui, vai ser, como já é, objeto de disputas políticas. Madeireiras que se instalam dentro da região amazônica são madeireiras internacionais, só no ano passado foram oitenta e oito, oitenta e oito madeireiras internacionais, que sob o rótulo de estar junto com o IBAMA, etc. e tal, estão levando e vocês não tenham dúvida que ao sair o último carregamento de árvore desse país sai juntamente a última madeireira. A intenção é acabar, lucrar, porque é

CÂMARA MUNICIPAL DE GARÇA

muito caro, vocês imaginem o preço hoje de uma árvore em pé de madeira nobre. Outro tipo de riqueza amazônica é o próprio minério. A região amazônica é riquíssima de minério, tanto que a Companhia Siderúrgica Nacional e outras exploradoras internacionais já há anos exploram a região e nem sempre, eu não vou adentrar muito nesse campo, porque é vasto, mas nem sempre de forma ecologicamente correta. Existe um problema hoje na Amazônia chamado Bio-Pirataria. Quando eu era criança, eu sempre ouvi falar que a Erva-Cidreira acalma, está nervoso, você toma Erva-Cidreira, minha avó e acho que vocês também já tomaram Erva-Cidreira. A Erva-Cidreira, para vocês terem uma base, não é mais um produto nosso. A Erva-Cidreira dá aqui no Brasil, você planta em qualquer cantinho aí e você tem. A Erva-Cidreira para vocês terem uma base é patente francesa, ou seja, aquilo que nós sabíamos, o que minha avó sempre soube, minha bisavó também sempre soube, veio um pesquisador francês, pesquisou a Erva-Cidreira, soube o que nós já sabíamos e patenteou, isso é Bio-Pirataria, ou seja, se você quiser hoje usar o nome Erva-Cidreira, ou algum produto de Erva-Cidreira você tem que pagar essa patente à França e já há outros aí, vocês vêem hoje, há sabonete de Erva-Cidreira, vocês já perceberam isso, principalmente as mulheres, algumas indústrias já têm um grande número de produtos em cima da Erva-Cidreira, o Óleo de Copaíba, a Erva Doce, são produtos nossos que foram pirateados, porque você não encontra isso em outros países, isso é biodiversidade nossa, isso é riqueza nossa, é riqueza brasileira. E eu não tenho dúvidas que dentre as riquezas amazônicas, dentre aquela imensidão, aquela floresta enorme, cai um avião ali você vê a dificuldade pra se chegar até aquele ponto, pontos ainda, dentro dessa região, inexplorados, lugares aonde o homem não pisou ainda, então não se sabe o que tem ali. Eu tenho certeza que ali dentro nós temos cura para grandes males, para grandes doenças atuais, eu tenho certeza disso, eu tenho certeza e as grandes indústrias farmacêuticas também têm, só nós que não temos, porque nós achamos que se é de graça não vale. E falando da Amazônia, eu já passo para os povos da Amazônia, porque também a Campanha nos exorta a de repente lançarmos um olhar, quer dizer, quem mora lá? Quando eu falo em Amazônia primeira coisa que nos vem à mente, são os índios que ali vivem e o texto base dá aqui, é uma coisa assim brutal, o nome de todas as tribos indígenas que moram lá, coisa assim não dá, para vocês terem uma base eu tenho uma página só com nomes de tribos indígenas, então, quando você fala no índio, você não pode falar simplesmente numa pequena reserva, num pequeno ponto daquela região, nós estamos falando de uma universidade de pessoas, uma coisa grandiosa, é uma população, e muitas vezes os nossos meios de comunicação tratam a questão indígena como meia dúzia de desocupados que não tem o que fazer, e não é bem assim, é uma população, goste ou não goste. O índio ele tem uma característica muito interessante, ele não tem a noção de posse, ele não entende como algo pode ser de alguém, como essa mesa pode ser de alguém, ele acredita que isto aqui é pra uso comum, não é de ninguém. E eu vou pedir licença e ler um trecho do índio Davi Ianomâmi, vocês vão ver ele no vídeo também e ele dá um depoimento, é uma coisa rapidinha sobre o que eles entendem por propriedade, prestem bem atenção. Diz ele lá: 'Eu sou filho dos antigos Yanomâmi. Moro na floresta em que os meus antepassados viviam antes do meu nascimento. E eu nunca digo aos brancos que eu a descobri! A terra estava todo o tempo lá, antes de mim: Eu não descobri esta terra por ter colocado meus olhos sobre ela e por isso digo que ela me pertence. Ela existe desde sempre, antes de mim e eu não digo: eu descobri o céu! De jeito nenhum eu afirmo: eu descobri os peixes, eu descobri a caça! Todas as coisas já existiam, também elas, desde o início. Afirmo, simplesmente, que eu também me alimento deles. E isso é tudo'. Percebam como o índio vê a posse, e daí você começa a imaginar da onde sai tantos conflitos de terra naquela região, que é um dos problemas abordados no texto base desse ano. Então, a questão da posse, ela vem dos portugueses que aqui vinham, chegava-se aqui era se amigo do rei, as chamadas sesmarias, ganhava-se uma gleba de terra e lá dizia o rei: Você vai morar lá, produzir lá e pode morar lá, mas se não assim fizer você me devolve. Vem aí a expressão terras devolutas muito comum naquela região e são por causa dessas terras devolutas a grande questão agrária hoje dentro da região amazônica. E o que acontecia? Muitos não devolviam, claro. Então, o próprio conceito de posse ele é dúbio, porque se tem a posse hoje em cima de um descobrimento, em cima de algo que você viu primeiro, ou seja, eu descobri este microfone, simplesmente porque eu vi primeiro, e na verdade eu não descobri, eu achei ele, ele já estava aqui, eu encontrei o microfone, mas eu não descobri ele, eu não sou dono do microfone, não tenho essa patente. Essa questão leva a grandes conflitos naquela região, os senhores bem sabem. Além dos índios nós temos os povos ribeirinhos, como o próprio nome diz, são pessoas que moram na ribeira dos grandes rios, ali desses mil e cem rios dessa região. São povos muito organizados, também é uma população, pessoas extremamente religiosas que agora começam a se reunirem em cooperativas. Nós tivemos uma seca há uns dois anos atrás, acho que no

Amazonas, não sei especificar em que região foi, vocês viram na televisão, barcos ali encalhados, uma coisa terrível, coisa que nunca tinha acontecido, claro, por conta de todo esse atentado ecológico e nós tivemos um problema grande com essa população ribeirinha, porque eles vivem exclusivamente disso, da pesca, não tem rio, passa-se fome. Aí eu passo a outros povos ali, outras pessoas, existem também muita Comunidade de Quilambola, eu não sabia o que era. Comunidade Quilambola, é comunidade de descendentes de escravos que foram levados lá, pelos portugueses, eles vinham por cima de São Luís pra trabalhar na lavoura e foram ficando por lá. E essas comunidades são fortes, nós não conhecemos, nós não sabemos delas, talvez muitos aqui nem tenham ouvido falar de Quilambola, como eu não tinha ouvido falar, que também são comunidades extremamente fortes e organizadas. Bom gente, falei da Amazônia e falei dos povos da Amazônia, evidentemente, seria necessário um aprofundamento, porque é muito rico esta cultura e essas comunidades que ali residem. Talvez o vídeo possa demonstrar e explicar um pouco mais, mas eu queria deixar esta questão: Amazônia é ecologia, ecologia é o futuro da sociedade e temos que associar isso, não tem como simplesmente colocar a Amazônia como algo distante, cheio de mato, cheio de índio e sem cultura e que nós devemos levar o desenvolvimento lá, desmatando, muitas vezes colocando o gado, muitas vezes plantando de uma forma desordenada no qual está acontecendo o que hoje nós vemos. Não tenham dúvida, a questão amazônica, a questão ecológica, a questão de meio ambiente, vai ser sim a agenda desse século vinte e um. Eu queria agradecer e muito obrigado." Em seguida foi passado um vídeo sobre a Campanha da Fraternidade de dois mil e sete. Dando seqüência ao ato o Sr. Presidente concedeu a palavra ao Sr. DIOGO SEBASTIÃO DE OLIVEIRA, representando o Prefeito Municipal: *"[Saudações]... A Campanha da Fraternidade foi criada pela CNBB, portanto é uma campanha da Igreja Católica Brasileira que tem como objetivo primeiro conscientizar os fiéis na responsabilidade dos temas que são tratados nesses anos, mais de uma década, talvez perto de duas décadas já. Cada ano trata de um tema ligado sempre, ou na maioria das vezes, tratando da questão social e da questão ecológica também não é a primeira vez que trata do assunto. Axalá, o Conselho de Bispos do Brasil consiga convencer o Papa a que se faça essa campanha na Igreja Católica Universal é que primeiro devastaram todo o seu território, não que a gente não deva estar cuidando do que está aqui no Brasil, eu acho que o meio ambiente, pelos brasileiros até que tem mantido alguma parte. Nós entendemos que uma das grandes questões da devastação é a ganância do dinheiro fácil, pois tiram lá uma porcentagem mínima das árvores existentes numa área e o resto se queima de uma forma criminal e também a ganância de posse do povo, porque não acredito que derrubem tantas áreas para se fazer agricultura, pois a agricultura há muito tempo é um péssimo negócio, está aqui o Dr. Caio para ajudar a gente imaginar isso. A agricultura nunca foi uma atividade que, acredito, tenha incentivado tanta devastação, principalmente a agricultura responsável. Então acho que isso é muito mais uma questão de desejo de posse mesmo, que ao contrário da leitura do índio. De repente as igrejas cristãs, co-irmãs também entrassem algum dia numa dessas campanhas, porque tema tem e muitos, muitos temas. De repente até a gente torce para que não só as cristãs, mas outras igrejas pudessem estar fazendo a Campanha da Fraternidade a cada ano com os temas que, só para exemplificar aqui, hoje, no mundo, e acredito até que há uma responsabilidade de nós todos nisso, damos mais importância a combustível do que à alimentação, tanto é que as canas estão avançando aí para fabricação de álcool e vai vindo aí biodiesel que vai tomar muito mais áreas do mundo inteiro em detrimento da alimentação do ser humano. Concentração de renda é outro tema fácil de se tratar, eu acho que poderia ser tratado isso em qualquer parte do mundo. Concentração de renda é tão nefasto, quanto a devastação do meio ambiente do mundo. O que a gente sente é que a raça humana está criando um abismo enorme com as suas atitudes, todos corremos em direção do mesmo e alguns têm consciência, outros nem isso não têm, quer dizer, conscientes, mas vamos cair no buraco, inconscientes, não sei, de repente Deus iça eles antes, não sei. Todas as Campanhas da Fraternidade foram em prol da vida, eu acho que isso que é importante e a missão é no chão".* Na seqüência foi executado o hino e a oração da Campanha da Fraternidade de dois mil e sete. O Sr. Presidente agradeceu a Deus pela oportunidade de participar deste ato público como presidente, às autoridades e ao público que prestigiaram a solenidade, para em seguida, em nome de Deus, dar por encerrada a Sessão. Para os anais, foi lavrada a presente Ata. Câmara Municipal de Garça, aos sete dias do mês de março de dois mil e sete.-

Pedro Henrique Scartezini
PRESIDENTE